

POR UMA PEDAGOGIA PERFORMATIVA EM DANÇA: TESSITURAS DE UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE

Por una pedagogía performativa en danza: tesis de una experiencia docente

Roberto Rodriguesⁱ

roberto.rodrigues@ifg.edu.br

Instituto Federal de Goiás - IFG
Aparecida de Goiânia - Brasil

RESUMO

O presente trabalho parte de reflexões em torno de experiências docentes em Dança por intermédio dos encontros entre áreas do conhecimento que se entrecruzam nas tessituras de processos artísticos-pedagógicos-performativos e na construção de saberes em dança. Metodologicamente partimos de um estudo de caso. A proposta é provocar as epistemes, tensionar limites e construir possibilidades críticas e criativas para transgredir algumas fronteiras estabelecidas socialmente. Forçar o pensamento no corpo a impulsionar e afirmar a vida, escapar dos binarismos e compreendê-la a partir dos fluxos, das conexões e desterritorializações para que possamos constituir territórios fluidos entre a Arte/Dança, a Educação e a Performance. Assim, queremos refletir sobre as possibilidades de fabricação de uma Pedagogia Performativa em Dança por meio de experiências docentes constituídas no âmbito de um curso de Licenciatura em Dança.

Palavras- Chave: Dança; Educação; Performance; Pedagogia Performativa.

RESUMEN

Este trabajo parte de reflexiones en torno a experiencias docentes en Danza por medio de encuentros entre áreas del conocimiento que se entrecruzan en las tesis de procesos artísticos-pedagógicos-performativos y en la construcción de saberes en danza. Metodológicamente, partimos de un estudio de caso. La propuesta es provocar las epistemes, tensionar límites y construir posibilidades críticas y creativas para transgredir algunas fronteras establecidas socialmente. Forzar el pensamiento en el cuerpo a impulsar y afirmar la vida, huir de los binarismos y comprenderla mejor, a partir de los flujos, de las conexiones y desterritorializaciones, para que podamos constituir territorios fluidos entre el Arte/Danza, la Educación e la Performance. Así, queremos reflexionar sobre las posibilidades de fabricación de una Pedagogía Performativa en Danza, por medio de experiencias docentes constituidas en el ámbito de un curso de Profesorado en Danza.

Palabras-clave: Danza; Educación; Performance; Pedagogía Performativa

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de experiências docentes nas disciplinas chamadas Ateliês de criação em dança I e II no curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás (IFG) – Campus Aparecida de Goiânia. Tais disciplinas são

ofertadas semestralmente, desde o primeiro período até o último do curso. De forma geral, essas disciplinas pretendem ser uma espécie de eixo estruturante em cada um dos semestres, pois lidam diretamente com os fazeres da dança em suas distintas fisionomias, formatações e inserções artísticas e sociais.

Os Ateliês de criação em dança contemplam diferentes acervos de dança, como as Danças Urbanas e Danças de Salão; o Balé, as Danças Modernas, Danças Populares Brasileiras e Contemporâneas. Entretanto, têm-se, desde as primeiras aproximações com tais acervos outro entendimento do que seja aprender e ensinar dança, buscando romper com certos preconceitos e tabus relacionados a padrões de corpo, movimento, às valorações e relações de poder que permeiam seus diferentes contextos de vivência, ensino e aprendizagem. Como nos apresenta o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Licenciatura em dança do IFG:

Os acervos compreendem o conjunto de gestualidades e as formas de organização corporal identificadoras e geradoras de danças específicas das várias culturas, abarcando as matrizes fundantes e as várias transformações sofridas ao longo de seu desenvolvimento e permanência sociais. A proposta envolve experimentação e reflexão de acervos constituídos e instituídos socialmente, ou seja, a partir de como são apresentados, identificados e problematizados em nossa sociedade. (GUIMARÃES et al. 2018, p.23)

Metodologicamente partimos de um estudo de caso que tenta dar conta das questões que envolvem a Dança e a Pedagogia Performativa levando em consideração experiências vividas e tecidas com alunos nos Ateliês de criação. Essas discussões que temos em mãos movimentam as experiências nas territorialidades da Arte, da Educação e da Performance, pois nos fazem pensar a partir de uma Pedagogia Performativa e, ao mesmo tempo, essas práticas possibilitam questionar em que sentido a efervescência desses processos nos dão força para construirmos processos de ensino e aprendizagem a partir de poéticas educacionais.

Traçando territorialidades cambiantes

Começamos a traçar nossos territórios por aproximações dos opostos. Por territorialidades aparentemente distintas, porém que constantemente se cruzam, desafiam-se e são friccionadas pelo corpo, pela experiência, pela cultura e pelo

conhecimento. Vida e arte, saber e intuição, razões e afetos. Opostos? Talvez não tenhamos que escolher entre uma coisa e outra, trata-se, aqui, da experimentação de um pensamento complexo que joga nas brechas das complementaridades, dos diálogos e compartilhamentos.

Ao aproximar esses territórios e permitir que seus contornos sejam borrados, extrapolados e excedidos buscamos uma espécie de operação tateante que se dá no movimento, no corpo, no corte conceitual para instaurar um plano de imanência, de fricção e arrebatamento em torno da realidade para criar paisagens sob as quais possamos viajar, fluir, pousar e povoá-las afirmando as multiplicidades, as diferenças, liminaridades e, portanto, inventar novas possibilidades, novos modos de vida e pensamento. De maneira intencional e propositiva tais traçados partem dos lugares rizomáticos de uma filosofia-arte-pedagogia-performance que se movimenta a partir dos fluxos artísticos da vida, experimentada e vivida como um fenômeno estético (NIETZSCHE, 1992).

Pensar e experimentar a vida como fenômeno estético é nada mais do que afirmar seu estado potente, mutante, como um jogo plural de forças melódicas, visuais, dramatúrgicas e gestuais que nos lança aos desafios do incessante movimento de compor e agenciar paisagens, texturas, espaços e lugares por onde percorremos, nos posicionamos e agimos diante dos instantes, do agora, do acontecimento e da experiência da própria vida. “Uma vida que se dobra sobre si mesma para se ver, para pensar, e um pensamento que se dobra sobre a vida de modo a vê-la” (MOSÉ, 2018, p.96).

Ver, olhar, observar, compreender, experimentar e viver. Eis as dimensões que nos atravessam e atravessam nossas realidades impulsionando-nos a criar modos, linguagens, simbologias, crenças, ficções, metáforas, dentre outras tantas possibilidades de apropriação da vida. Somos todos de algum modo artistas, criadores, fabricantes, tecelões, artesãos de realidades. Estas, por sua vez, são muito mais aquilo que a gente inventa, cria e produz.

A arte como produção humana é uma forma de criação, invenção e produção de possibilidades que partem e extrapolam a própria vida. A capacidade de partir de nossas vivências e experiências e transportá-las ao mundo por meio de dispositivos, operações e ações poéticas inscritas no corpo acontece de múltiplas formas a partir dos agenciamentos de um campo de forças plurais e singulares que traduzem a

potência do humano. A arte se constitui na afirmação do humano, da presença, do corpo, da experiência, do acontecimento do aqui e agora, chamado vida, parafraseando Nietzsche (1992).

Para além desta compreensão mais ampla e geral da arte, podemos adentrar seu campo específico como área de conhecimento, o que nos interessa especificamente nesta travessia. Neste território podemos rastrear a busca pelo artístico na construção de modos singulares de ler, interpretar, compor, criar, expressar e provocar o mundo através de diferentes linguagens, estéticas, gêneros e modos de operar com a realidade que se distinguem, complementam e coexistem através de áreas como a dança, o teatro, a música, as artes visuais, o cinema, a literatura, dentre outras. Cabe destacar, aqui, que as possibilidades de diálogo e conexão entre áreas que se debruçam sobre os conhecimentos e objetos artísticos são múltiplas e plurais nos possibilitando transitar cambiantes entre suas bordas, nas margens e, sobretudo, nos entrelugares da Arte.

Outro território, porém, não tão distante do traçado até aqui é o da Educação. Campo complexo, contraditório, mas que, sobretudo, se constitui, também, a partir do desejo do olhar, dos modos de ler e interpretar, da compreensão e criação de ações e estratégias direcionadas à vida. Como não se trata, aqui, de uma escrita aprofundada e específica sobre o conceito em si, buscamos destacar uma forma singular de compreendê-la sob uma perspectiva histórica, social, crítica e transgressora. É preciso, então, partir de uma compreensão radical e um jeito de encarar as práticas de ensino e aprendizagem como práticas de liberdade que qualquer um pode aprender (HOOKS, 2017). Neste sentido, a Educação que atravessa as tensões e provocações deste texto percorrem trilhas de pensadores como Paulo Freire (1981,1996) e Bell Hooks (2017).

Outro território múltiplo e plural que se cruza na empreitada do presente texto é o da performance. Podemos compreender o termo performance de distintas maneiras. No terreno das Artes podemos vislumbrar diferentes possibilidades de performances no contexto das linguagens artísticas. Entretanto, o termo performance delimita no campo artístico um território bastante plural potencializado a partir dos anos 1970 e 1980 como o que ficou conhecido como performance art ou performance artística. Nesse contexto específico trata-se de uma manifestação interdisciplinar com múltiplas possibilidades de acontecimentos e

modos de performar. De forma geral, na performance artística o corpo é geralmente o lugar da própria manifestação expressiva, tornando-se o seu lugar de fala, de apresentação da performance.

A performance e a arte da performance emergiram durante os anos 1970 e 1980 como atividades culturais relevantes nos EUA assim como na Europa Ocidental e no Japão. Tais atividades provaram ser tão complexas e variadas, e tão populares quando ao público e à mídia, que, como o pós-modernismo (como um produto da mesma cultura histórica), a sua própria popularidade as fez difícil de se definir (CARLSON, 2009, p.115).

A partir dos estudos de teóricos como Schechner (2006) e Carlson (2009) podemos compreender a Performance como campo de estudos que se apresenta no intercruzamento de diferentes áreas do conhecimento como a Antropologia, o Teatro e a Filosofia tensionando fronteiras, limites e epistemes para estudar comportamentos, ações e práticas que perpassam por diferentes lugares sociais desde o cotidiano até a cena propriamente dita. A Performance pode ser compreendida, então, como campo múltiplo e plural maior que o campo das Artes e que nos possibilita ampliar diversas noções, usos e práticas e que, portanto, extrapola as definições estáveis, os conceitos fechados e os sistemas cristalizados de classificações.

Na primeira acepção, da performance enquanto linguagem artística, esta pode ser compreendida e identificada como uma experiência distinta e singular para uma escuta do corpo. A ação corporal na performance é dotada de intencionalidade e, geralmente, organizada, arquitetada em um contexto específico em que a presença, a ação em si está embebida por tonalidades, sutilezas e modos de operacionalizar a própria presença a partir de uma experiência estética. É geralmente a mais reconhecível por estar diretamente ligada à construção de dramaturgias, de corporalidades e texturas cênicas próprias ao campo das Artes.

Em uma segunda acepção, a Performance como campo social, de estudos e investigações é compreendida como um território multi e transdisciplinar que tensiona limites, epistemes e nos permite visualizar várias das nossas ações cotidianas como performance. Trata-se de modos de ler e compreender as relações sociais, as políticas públicas, as identidades de gênero e de raça, a estética, a infância, entre outras, a partir de suas liminaridades, de seus comportamentos socialmente

repetidos e sancionados partindo, por exemplo, da noção de comportamentos restaurados, como bem provocou Richard Schechner.

As atividades da vida pública – algumas vezes calma, outras tumultuada; algumas vezes visível, outras mascarada – são performances coletivas. Estas atividades variam, desde política sancionada até demonstrações populares e outras formas de protesto, e até mesmo a revolução. Toda e qualquer das atividades da vida humana pode ser estudada enquanto performance. (...) Na verdade, o dia a dia do cotidiano e precisamente sua familiaridade, está sendo construído a partir de pequenas parcelas de comportamento rearranjados e moldados de maneira a caber em determinadas circunstâncias. O evento resultante pode parecer ser novo ou original, mas suas partes constituintes – quando bem separadas e analisadas – revelam-se comportamentos restaurados (SCHECHNER, 2006, p.29).

Deste modo, a diferença entre ações corporais intencionalmente construídas no território das linguagens artísticas e as performances no cotidiano está não somente na distinção entre teatro e vida, arte e cotidiano, mas, sobretudo "(...) numa atitude - podemos fazer ações sem pensar, mas quando pensamos sobre elas, isso introduz uma consciência que lhes dá a qualidade de performance" (CARLSON, 2009, p.15). De forma geral, em todas as acepções e cruzamentos no que tange às performances o corpo emerge como um lugar de reflexão, passagem, presença, tensões, participações e transformações.

A Performance se constitui, então, como campo e ação de desconstrução e reconstrução de possibilidades pautadas na presença, na experiência do corpo como uma experiência distinta e singular que nos impulsiona para um estado de abertura, de descoberta e compreensão do inacabamento e do ineditismo de todas as nossas ações no mundo, pois nunca se vive a mesma experiência, da mesma forma pela segunda vez. A cada nova experiência performamos ações, fazeres, linguagens e práticas que se constituem como um agenciamento, uma reconfiguração, reatualização.

Sob esta perspectiva, da compreensão das possibilidades de agenciarmos nossos modos de vida através de comportamentos e práticas performativas é que podemos transitar pelos territórios da Arte e da Educação imbuídos e afetados pela produção de novas presenças, de corporalidades plenas que podem ser atravessadas por um fazer-pensar-criar-performar artísticos que se abrem às múltiplas desterritorializações nos limiares dos saberes, práticas, conhecimentos e

poéticas educacionais a serem fabricadas nas experiências e nas tessituras de uma Pedagogia Performativa em Dança.

Ensinar é tecer – fiando teias a partir da experiência docenteⁱⁱ

É bem verdade que trazer o desafio de pensar e edificar uma Pedagogia Performativa a partir das experiências docentes em dança significa trazer as aprendizagens e os ensinamentos que acontecem no processo. Para isso, pensar a performance como experiência é fundamental para afinar e atenuar nossos sentidos e com isso provocar se tornar uma estética. Sem dúvidas foi Elyse Pineau que apontou cruzamentos entre a Pedagogia e a Performance e radicalizou esse modo de pensar:

Eu quero chamar a atenção para como a performance afina e atenua nossos sentidos cinéticos e sinestésicos em relação às nossas fisicalidades habituais e às dos outros. (...) uma vez que a performance é sempre incompleta, contingente, permeável e reativa aos momentos vividos, uma vez que se desdobra na companhia dos outros, ela nos permite atravessar e pôr abaixo ilusões acerca da aprendizagem como algo isolado, linear, cumulativo e disponível à avaliação empírica (PINEAU, 2010, p.104).

A aproximação entre os campos da Educação, da Performance e da Arte tem apontado interessantes caminhos para professores-artistas-pesquisadores-performers como uma forma de estabelecer pontes concretas por meio do questionamento e ação críticas para a construção de possibilidades coletivas na constituição de lugares e espaços de ensino-aprendizagem-criação em arte como estratégias contraculturais aliadas às perspectivas de uma educação libertadora.

Nas práticas pedagógicas, as ações docentes e discentes podem ser compreendidas a partir de suas dimensões estéticas que seria uma forma de olhar o ambiente de ensino e aprendizagem como um lugar performativo, ou seja, como um espaço de trocas, construção e reconstrução coletiva onde as diferentes experiências se cruzam e potencializam novas formas de ensinar e aprender. Ao compreendermos essa relação em suas dimensões poéticas e estéticas podemos ampliar os olhares e as possibilidades de construção coletiva entendendo os processos pedagógicos como uma espécie de texto que se fabrica, se cria a muitas mãos, entre múltiplos corpos, como em uma grande teia. Assim, podemos

compreender a Educação em sua dimensão mais humana e, portanto, ética, pois tratamos de estabelecer possibilidades conjuntas de interação e construção de conhecimento.

Todo esse movimento constituído em torno do corpo, da arte e da dança como lócus de investigação, criação e construção de conhecimento pode estar circunscrito a partir de uma perspectiva que se aproxima dos Estudos da Performance ou, mais especificamente, do campo da Pedagogia Performativa alinhada a pensadores como Richard Schechner (2010), Elise Lamm Pineau (2010), Gilberto Icle e Mônica Torres Bonatto (2017) e Marcelo de Andrade Pereira (2017).

Desde que me aproximei das leituras e Estudos da Performance toda a minha trajetória docente e, portanto, minhas práticas e fazeres pedagógicos têm se tornado, também, fazeres performativos. Talvez já o fossem desde o início da minha carreira docente, porém, têm sido pensados sob tais perspectivas como lugar de pesquisa, investigação e intervenção ao serem concretizados e acompanhados de um mergulho mais aprofundado em tais leituras.

Tenho descoberto, desde então, que as trocas, as narrativas e as corporalidades com as quais tenho tido contato ao longo desses anos vão constituindo uma rede de relações e tecendo fios numa grande teia que tem sido compartilhada e continuamente metamorfoseada nos espaços e contextos das aulas, nos inúmeros momentos de pesquisa e investigação durante os Ateliês de criação em dança.

Nos Ateliês o que se tem proposto é que os discentes pesquisem os efeitos, os vestígios que a sua cultura deixa através das marcas, dos rastros que se apresentam para nós a partir dos corpos, movimentos que se apresentam, se expõe para nós pelas/nas danças. É a partir daí que podemos criar lugares de inserção poética na/pela dança trazendo à tona traços, qualidades, acentuações nos corpos desses sujeitos. Portanto, não se trata apenas de reproduzir gestos, movimentos e comportamentos identificados em suas culturas. Os Ateliês de criação em dança caminham no sentido de provocá-los a trazer tais experiências para desconstruí-las e, certamente, reconstruí-las de outros modos.

Os Ateliês se constituem, então, como lugar para pesquisar, investigar, esburacar, questionar e abrir espaços para a criação, para o novo, o inusitado. A criação aqui é vista como potência, como possibilidade de invenção. Invenção essa que não se dá a partir da estaca zero é, pelo contrário, partir do que já está

estabelecido e provocar questões, no nosso caso, questões do próprio corpo e do movimento para ampliar as experiências em dança.

(...) seja ela qual for, o que se pretende é proporcionar aos estudantes a capacidade argumentativa conquistada com as vivências, com o experimentar. Não é o domínio intelectual, externo, conteudista a predominar. E sim as múltiplas experiências, a diversidade, a intensidade, a contradição. E com a dança, na multiplicidade de corpos, nas sensações, no mover-se. E o foco não é algo externo, fora do contexto, daquele real vivido com aquele grupo de estudantes e sim, neles, na conquista de poéticas do coletivo e das poéticas pessoais. (RIBEIRO, 2018, p.8)

As experiências provocadas nos Ateliês se direcionam, então, à construção de argumentos no corpo que podem ser fabricados através das vivências, experimentações e contextualizações das danças no mundo. O foco é a troca de experiências entre os sujeitos, as danças e os espaços onde elas acontecem para que eles conquistem autonomia para experimentar, criar e transformar os saberes e suas próprias realidades através deles. Aqui destacamos a investida nas experiências adquiridas ao longo das trajetórias docente e discente a partir de processos de conquistas, de construção de saberes que se dão nas dimensões individual e coletiva através do contato, do compartilhamento, da troca, da criação e da invenção.

Dos Estudos da Performance que me permitiram ampliar o conceito de performance e compreender que várias ações, acontecimentos e construções humanas podem ser lidas, estudadas e refletidas como performance, às poéticas educacionais às quais me vejo completamente envolvido em um constante processo de construção coletiva em que cada encontro em sala de aula torna-se um acontecimento singular, uma tessitura de várias redes de relações que vão sendo fiadas, fabricadas, inventadas e reinventadas a partir das experiências, da performatividade dos sujeitos que coletivamente adentram esse espaço de criação e protagonismo. Ensinar e aprender como performance.

A poética da Performance traz para o espaço das aulas as dimensões criativas, coletivas e construídas das práticas artísticas desenvolvidas nos Ateliês de criação em dança. Esse tipo de investida artística e pedagógica está engajada em um processo colaborativo continuamente criando e recriando visões de mundo em que todos os sujeitos envolvidos se encontram em posição contingencial e em constante

relação de trocas. “Com efeito, a performance reenquadra todo o empreendimento educacional como um conjunto mutável e contínuo de narradores, histórias e performances, mais do que a simples e linear acumulação de competências disciplinares específicas e isoladas” (PINEAU, 2010, p.97).

Desenhamos, aqui, novas possibilidades frutos das experiências adquiridas ao longo das trajetórias docente-discentes de radicalizar e reinventar o processo de ensino-criação, em especial pela flexibilização de papéis e instauração de uma ambiência coletiva que constitui, assim, como uma paradigma ético e estético do que seja ensinar, aprender, criar e produzir conhecimentos no contexto da arte e da dança.

Coletivamente criamos um corpo de trabalhos criativos que vai permitindo que cada sujeito construa e teça uma parte das grandes redes que vão se formando através dos processos que se instauram a cada encontro, a cada aula, a cada laboratório de pesquisa e criação. E essas redes são demarcadas pelas multiplicidades, pelas pluralidades de experiências com que esses sujeitos participam, se acoplam e são acoplados na tessitura de um grande conjunto de saberes, práticas, poéticas e ações que vão delineando as nuances da grande teia.

Existem múltiplos textos, alguns são escritos; outros dançados; outros, são apenas gestos; outros, lugares; alguns textos são processos de crescimento de florescimento e decadência. Texto é uma palavra relacionada com outra, têxtil, ou fiar, fabricar tecidos de diferentes fios. Esse é o significado de texto que eu trago comigo. Múltiplos fios são tramados e destramados em diferentes tecidos de ação e significado. Ensinar é um texto- tecer (SCHECHNER, ICLE & PEREIRA, 2010, p.30).

Uma Pedagogia Performativa se abre aos múltiplos textos e tecidos fiados nos processos de construção coletiva de ações e significados. Privilegiam as múltiplas histórias, múltiplos narradores no processo em que as narrativas da experiência humana são modeladas e compartilhadas por todos os participantes em um coletivo de performance.

A experiência da sala de aula provoca diferentes possibilidades para o florescimento e a fabricação das tramas, dos modos de vida que aí se instauram pelo corpo, o movimento e suas performatividades. Assim, uma Pedagogia Performativa em Dança afirma-se nos entrelugares, nas fissuras, nas bordas dos contextos de ensino e aprendizagem para (re)inventar novas possibilidades de ação e

construções poéticas através da dissolução das hierarquias e, consequentemente, das dicotomias entre professor e aluno, saber e experiência, técnicas e estéticas, dentre outras, que, por vezes, imperam nas salas de aula dos processos de formação na área de Arte.

Se Ensinar é tecer, fiar, fabricar, tal ação deve ser construída de forma horizontal, coletiva e colaborativa. E essa é uma das premissas que acentua a compreensão do lugar do ensino e da aprendizagem como um constante processo artístico de criação e constituição de outros modos de vida a partir das ações docente-discentes no território das Pedagogias Performativas. Nesse sentido, os Ateliês de criação em dança têm sido fabricados, tecidos e fiados por vários corpos, múltiplas subjetividades que transitam semestralmente por essas redes que vão se formando, sendo tramadas e destramadas de diferentes modos, sob várias tessituras por meio de ações performativas cotidianas que “salienta as dimensões estéticas do ensinar e do aprender, o contínuo fazer e refazer de ideias e identidades no espaço compartilhado da sala de aula” (PINEAU, 2010, p.98).

Tais processos se inserem nas brechas, nas frestas e possíveis rupturas em relação aos processos educacionais que limitam e contornam os diversos contextos das Instituições de Ensino. Não ignoramos, por sua vez, que se tratam de proposições com certo tom utópico em vista das realidades com as quais lidamos nessas Instituições. Entretanto, o caráter aberto, liminar e processual dessas experiências nos permite vislumbrar outras formas de ser e estar nesses espaços.

Considerações finais

Propôs este artigo pensar e problematizar as experiências docente-discentes nas disciplinas chamadas Ateliês de criação em dança I e II no curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás (IFG) – Campus Aparecida de Goiânia. Tais experiências buscam provocar os discentes a investigarem seus traços e poéticas constituídas nas possibilidades de danças que surgem a partir dos diferentes modos pelos quais esses acervos são apresentados, identificados e performados coletivamente a partir da vivência, reflexão, contextualização e invenção de novas possibilidades do que seja ensinar e aprender em dança.

O conhecimento em arte/dança é potencializado em momentos de diálogos corporais afetivos, críticos e reflexivos que se dão em diferentes momentos ao longo das experimentações artísticas. Dança entendida, então, como acontecimento. Essa compreensão é potencializada pela perspectiva da Pedagogia Performativa que lida com o conhecimento, as experiências e os compartilhamentos de saberes através da flexibilização de papéis, a ação protagonista docente-discente e a construção de novos modos de pensar e agir em Dança. Assim, as experiências artísticas-pedagógicas-performativas são pautadas na relação intrínseca entre o ensinar e aprender, considerados como performance.

REFERÊNCIAS

CARLSON, Marvin A. **Performance**: uma introdução crítica. Tradução: Thais Flores Nogueira Diniz, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

GUIMARÃES et al. **Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da Licenciatura em dança do IFG**. Aparecida de Goiânia, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editoria WMF Martins Fontes, 2017.

ICLE, Gilberto; BONATTO, Mônica Torres. Por uma pedagogia performativa: A escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 7-28, jan.-abr., 2017

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje**: sobre os desafios da vida na contemporaneidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia** – ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PINEAU, Elyse Lamm. Nos Cruzamentos Entre a Performance e a Pedagogia: uma revisão prospectiva. Rio Grande do Sul: **Educação e Realidade**, 2010.

RIBEIRO, Luciana Gomes. A base nacional comum curricular foi aprovada. E agora? Como fica o ensino das artes? **Boletim da FAEB**. Goiânia: Maio, nº1, 2018, p.5-13.

SCHECHNER, Richard. 2006. O que é performance?. In: **Performance Studies: an introduction**, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51.

SCHECHNER, R; ICLE, G; PEREIRA, M. O que pode a Performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner. Rio Grande do Sul: **Educação e Realidade**, 2010.

ⁱ Docente do curso de Licenciatura em Dança do IFG – Campus Aparecida de Goiânia. Mestre em Performances Culturais pela EMAC- UFG.

ⁱⁱ Neste tópico alternarei o tempo verbal da escrita transitando entre relatos na primeira pessoa e reflexões teóricas que permanecem no tempo verbal utilizado desde o início do texto. Tal opção se dá pela compreensão da importância de reconhecer e dar visibilidade às experiências docentes como um potente lugar de fala.